

Ninguém quer a municipalização do

O governo quer passar os museus da Cerâmica e de José Malhoa para a Câmara das Caldas. A ideia já não é nova, dado que foram iniciadas entre o anterior governo PS e o município. Mas agora é o executivo liderado por Passos Coelho a insistir na passagem para a autarquia daqueles dois espaços museológicos. Mas se há alguma aceitação em relação à passagem do Museu de Cerâmica para a autarquia, o caso muda de figura quanto ao Museu Malhoa pois há uma grande unanimidade entre especialistas e entidades caldenses que dizem que este não deve sair da esfera da administração central.

A maioria das pessoas que ouvimos considera que já foi um erro a passagem dos museus caldenses para a Direcção Regional de Cultura do Centro (DRCC), temendo, sobretudo no caso do Museu Malhoa, que a sua municipalização seja uma segunda despromoção. Já quanto ao Museu do Hospital e da Cidade, é pacífico que este deve continuar ligado à instituição do qual nasceu e às Caldas.



Ao contrário do Museu da Cerâmica, todos consideram que o Museu de José Malhoa tem uma dignidade e importância conducente com a de museu de âmbito nacional e não municipal

Natasha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

A vereadora da Cultura, Maria da Conceição Pereira, diz que estão a decorrer conversações entre a Secretaria de Estado da Cultura e a autarquia sobre a eventual transferência dos dois museus para a Câmara. **“Há conversações, há uma proposta e já há uma contra-proposta”**, disse a autarca, sem querer aprofundar muito mais o estado do processo.

“Ainda não há nada de concreto”, acrescentou a vereadora, que sabe que há sectores e especialistas da museologia que não estão de acordo com a municipalização, sobretudo no que diz respeito ao Museu de José Malhoa. **“Estamos a equacionar e não têm existido pressões por parte do poder central para a tomada de decisão”**. Como vereadora, vê vantagens na municipalização dos museus sobretudo do Museu de Cerâmica, devido à forte ligação da localidade com a cerâmica e também **“pela qualidade do seu espólio, que merece um espaço mais digno”**. A autarca está preocupada com este museu do qual diz que precisa **“de uma alteração profunda”** já que o palacete não alberga as colecções que é necessário acolher.

Nestas conversações, a autarca gostaria de encontrar uma solução pois **“é preciso também garantir que há condições para esse alargamento”**. Maria da Conceição Pereira acha que os dois museus – Cerâmica e Malhoa – podem ter decisões diferentes.

Maria da Conceição Pereira recordou que as Caldas **“está a passar pela transferência de um património muito mais vasto e é preciso ter esse aspecto em conta”**. Importante, na sua opinião, é criar uma verdadeira rede local de museus, uma ideia que surgiu em 2003 e esta que até foi criada mas, na verdade, não tem tido grande visibilidade pública.

Para a autarca, a cidade **“é um caso sui generis pois tem um elevado número de museus de qualidade”** e a municipalização poderia ser uma vantagem pois poderia haver um bilhete único e a constituição de circuitos entre os vários museus. A vereadora da Cultura recordou que a tentativa de passar os museus caldenses para o município não é nova nem exclusiva do governo PSD pois já tinha sido tentada pelo PS. **“Não temos sido pressionados e estamos a tentar encontrar a melhor solução. Estamos aqui para defender os interesses das Caldas da Rainha”**, disse a deputada do partido do governo.

De acordo com o secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, em declarações aos jornalistas, feitas à margem da apresentação do Folio, em Lisboa, a 7 de Julho, o processo de passagem dos museus agora tutelados pela administração central para a autarquia será finalizado muito em breve. O governante remeteu ainda para esta semana respostas sobre quais os museus em que haverá mudanças, se apenas o da Cerâmica ou também o de José Malhoa.

Jorge Barreto Xavier, disse que **“há**

uma proposta de parte a parte [governo e Câmara] e ela está neste momento em fase final de negociação”. E acrescentou que **“muito brevemente, dentro de uma semana ou duas já poderei responder de forma mais concreta”**.

Os postos de trabalho dos funcionários estão garantidos. **“Continuam como funcionários públicos, trabalhando numa lógica de descentralização com a autarquia”**, explicou o governante.

MAIORIA É CONTRA A MUNICIPALIZAÇÃO

A Liga dos Amigos do Museu José Malhoa não concorda com a municipalização dos dois museus e considera ainda que a passagem de ambos para a DRCC foi uma **“desclassificação”** pois fez com que os museus passassem do âmbito nacional para o regional. Segundo a presidente do grupo, Margarida Taveira, ambos devem integrar a rede nacional de museus pois as suas colecções **“são de âmbito nacional”**. A responsável sublinhou que o Museu Malhoa contém a maior concentração de obras desta grande figura da pintura da sua época, ao passo que o da Cerâmica **“alberga colecções que em muito transcendem o nível da cerâmica local e está igualmente instalado num emblemático espaço a preservar”**.

Margarida Taveira destacou também a necessidade de ampliar este último, afirmando que a cidade **“deve lutar por tal ampliação**

junto da tutela, com vista à criação de um grande Museu Nacional da Cerâmica, na terra que tantas tradições possui nessa área”.

Para a Liga dos Amigos os dois museus não devem ser municipalizados para não ficarem sujeitos ao mesmo tipo de gestão que possuem os museus municipais **“que lutam com escassez de meios materiais e humanos”**, rematou.

“UMA DESPROMOÇÃO”

Para Mário Tavares, presidente do Grupo de Amigos do Museu de Cerâmica (GAMC), a eventual municipalização **“seria sempre uma despromoção”**. Referiu que seria portanto uma nova despromoção já que este último já foi despromovido **“tendo passado a regional... Se passar a ser municipal...é uma outra categoria”**, disse.

No entanto, **“dado o actual estado de coisas”**, (referindo-se a um grande desinvestimento por parte da tutela) não sabe se o mesmo, se fosse municipalizado, **“não iria até a funcionar melhor”**.

Em relação ao Museu de José Malhoa, Mário Tavares acha que este **“tem que ter o lugar que merece como museu nacional”** e que seria **“inadmissível”** passar para a autarquia. **“Na verdade não se sabe o que vem por aí, mas a passagem para a Câmara seria um absurdo”**, rematou.

O Conselho da Cidade também não concorda com a passagem dos museus para a Câmara e defende que ambos devem ficar na dependência directa da actual Direcção-Geral do Património Cultural.

A mudança dos dois museus para a DRCC foi feita sob pretexto do acesso a candidaturas de fundos comunitários, **“as quais, até ao momento, não se vislumbram”**, disse a presidente da entidade, Maria Júlia Carvalho.

Esta responsável disse que o Museu da Cerâmica deveria ser ampliado a fim de ser **“o pólo de um grande Centro Museológico Nacional”** com o envolvimento da Direcção Geral do Património Cultural, Cencal, ESAD e núcleo museológico Bordalo Pinheiro. Uma forma, disse, de juntar a tradição com a inovação, a criatividade e a produção. Para a sua gestão deveria ser criada uma entidade coordenadora.

Em relação ao Museu do Hospital, a pretensão do Estado querer mantê-lo **“revela-se incoerente”** pois pretende transferir tudo o resto para o município.

“INFELIZ E DESCABIDA”

Para Isabel Xavier, presidente do PH, a municipalização parece **“ser um desígnio do actual governo”**, num processo que vai para além dos museus pois engloba também as escolas, por exemplo. A responsável considera **“infeliz e descabida a municipalização do Museu Malhoa, cuja história referencia a dimensão nacional”**. No entanto, a municipalização poderá ser equacionada quanto ao Museu da Cerâmica, **“se for delineada numa estratégia cultural da cidade, numa perspectiva abrangente, em rede, e convocando dinâmicas como as que a ESAD cria, a comunidade anseia e a cidade não pode continuar a desperdiçar”**.

Para o PH, esta deve incluir os museus municipais actuais, **“cuja gestão e aproveitamento, mesmo contando com a boa vontade de quem lá trabalha, tem estado aquém do desejável”**.

Já relativamente ao Museu do Hospital e das Caldas, não fará sentido separá-lo do Hospital Termal **“com o qual perfaz um conjunto historicamente natural. Ele é o verdadeiro Centro Interpretativo das Caldas da Rainha”**, disse a presidente do PH.

EX-DIRECTORAS QUEREM MUSEUS NO ESTADO

Para Cristina Horta, ex-directora do Museu de Cerâmica, as transferências feitas há dois anos dos museus caldenses para a Direcção Regional da Cultura do Centro **“foram executadas sem preparação nem consulta, resultaram numa despromoção e abandono desses museus, marginalizando-os, separando-os dos intitulados Museus Nacionais e rompendo com uma gestão nos cânones das boas práticas museológicas”**.

A actual intenção da passagem desses museus para o município afasta a desejada reintegração na Direcção Geral do Património Cultural e afecta, nas Caldas, o Museu de José Malhoa, **“instituição renovada, consolidada e reconhecida”** e o da Cerâmica que ainda foi mais afectado dado que se interrompeu **“o tão desejado e fundamental projecto de ampliação que o tornaria a atracção principal da Cidade e, talvez a única, com as termos, capaz de colocar Caldas, de novo, nos roteiros turísticos”**.

A ex-directora não concorda com a passagem para a Câmara no caso do Museu Malhoa, porque este possui um carácter supra regional. O de Cerâmica possui colecções internacionais e, como tal, preferia que ficasse na dependência do poder central.

A investigadora salientou que autarquia caldense já tutela quatro museus e **“não apresenta condições para receber e assegurar a gestão de museus com temáticas e exigências como as do Museu de José Malhoa e da Cerâmica”**.

Cristina Horta considera que este último vive com **“extremas dificuldades logísticas”**. Por isso seria necessário recorrer **“a profissionais ou a um organismo com conhecimentos e experiência capazes de articular os museus numa rede local que funcionasse com agilidade e conhecimento, uma solução quase impraticável na actual fase de contenção do país”**.

Para Matilde Couto, ex-directora dos museus Malhoa, Cerâmica e Nazaré, estes deveriam ficar na esfera nacional e recorda que ao longo das suas histórias, **“a cidade e as direcções dos mesmos formularam superiormente propostas de designação de Museu Nacional, dada a relevância e o valor de referência do património que detêm”**.

Também não concorda com a passagem para a DRCC pois os Museus do Oeste foram agregados à Região Centro, **“cujos territórios e respectivas identidades não são coincidentes”**. Na sua opinião, os museus caldenses deveriam regressar à tutela da Direcção-Geral do Património Cultural.

Matilde Couto considera que uma Rede Local de Museus (protocolada em 2003, entre o Museu José Malhoa, o da Cerâmica, o do Hospital e o Centro de Artes e aberta a outros) **“mostra-se vantajosa e de toda a oportunidade”**. Não seria necessário terem todos a mesma tutela e em coordenação poderiam criar sinergias, projectos comuns, articulação de actividades e de horários, a rentabilização de meios e a criação de ingressos únicos.

Sobre o Museu do Hospital e das Caldas, este **“deverá sempre integrar e acompanhar a sua instituição de referência e que enforma a sua origem - o Hospital Termal - cuja história documenta e cujo património conserva”**.

Museu de José Malhoa



“A passagem do Museu Malhoa para a Câmara seria um absurdo”



“Transferências para a DRCC resultaram numa despromoção e abandono dos museus”



“Há vantagens na constituição de uma Rede Local de Museus efectiva”



“Deve-se criar uma entidade gestora dos Museus e do Parque”



“O Museu de Cerâmica poderá ser um pólo de um grande Centro Museológico Nacional”



“Deve-se criar um grande Museu Nacional da Cerâmica”

“PURA ESTRATÉGIA DE CONTENÇÃO DE CUSTOS”

Para o investigador João Serra, a passagem de uma tutela pública central para uma tutela pública municipal **“pode constituir uma situação considerada por uns vantajosa e por outros desvantajosa, mas não representa por si só uma alteração nem do paradigma de autonomia nem do modelo de gestão dos museus”**. O ex-presidente da Guimarães Capital Europeia da Cultura, salientou que as autarquias, na sua maioria, **“não dispõem de uma organização administrativa apta a dar conta da especificidade do sector cultural e do património (são muito poucas aquelas em que esse departamento está consagrado), nem previram um quadro regulamentar onde esteja contemplada a forma de funcionamento de um sector museológico”**. João Serra diz que o Estado central **“tem recuado em todos os planos da actividade cultural”** e **“não é crível que essa tendência sofra uma inversão significativa num horizonte próximo”**. Deste modo, a entrega às autarquias não resulta de uma nova visão do território e do desenvolvimento, nem de uma procura de novas racionalidades económicas ou de gestão, **“mas de uma pura estratégia de contenção de custos”**. Sendo esse trajecto **“praticamente imparável”**, considera que se deveria fazer nas Caldas o que está a ser desenvolvido pelo Monte da Lua, em Sintra, experiência que o historiador tem acompanhado e que agora se estende ao Centro Cultural de Belém e à área monumental de Belém. O investigador prefere que se encontre uma modalidade de gestão em que parceiros públicos (a Câmara, a Secretaria de Estado da Cultura, a ESAD), privados (empresas como a Bordalo Pinheiro e unidades hoteleiras), associações (como o PH e os Grupos de Amigos dos Museus) **“se conjuguem para criar uma entidade gestora dos Museus e do Parque, dotada de autonomia de funcionamento e de financiamento”**. Sobre o Museu do Hospital,

João Serra acha que tendo o Ministério da Saúde alienado a posse do Hospital Termal e das suas dependências, **“não faz sentido algum continuar responsável pela gestão de uma entidade museológica cuja colecção e programa respeita exclusivamente ao Hospital Termal e sua História”**. Da mesma forma, o docente da ESAD acha **“urgente”** a entrega, à cidade, da propriedade, da segurança e da manutenção da instalação de Ferreira da Silva, situada junto do mesmo museu. Na sua opinião, este é **“o monumento artístico contemporâneo mais importante das Caldas da Rainha”**.

MUSEU MALHOA TEM RELEVÂNCIA NACIONAL

Para Paulo Henriques, ex-director do Museu de José Malhoa, a passagem de museus do Estado para a tutela autárquica **“deve ser ponderada tendo em conta o significado das respectivas colecções e história da instituição, num contexto da cultura nacional”**. Há vários anos que **“se vem apagando a estrutura científica e técnica que ligava e criava nexos entre os diferentes museus sob a tutela do Estado”**, disse. Este investigador considera que a responsabilidade primeira dos museus, que é **“a de preservar e divulgar patrimónios e, assim, propiciar aos cidadãos conhecimento e educação, foi preterida por acções de consumo rápido, exigindo eficiência imediata, reflectida nas estatísticas de visitantes, receitas, número de acontecimentos efémeros e referências na comunicação social”**. Paulo Henriques considera que o Museu Malhoa tem, na estrutura dos museus do Estado, **“importância da maior relevância”**. As suas colecções **“documentam a radicação de um gosto português conservador, arreigado às estéticas dos sucessivos naturalismos”**, disse acrescentando que, além de se centrar em Malhoa, ainda documenta **“muito do que se produziu como Arte Oficial**

do Estado Novo, com um fundamental núcleo de Escultura e Estatuária, único no país”. Estas, articulam-se directamente com as do Museu Nacional de Arte Contemporânea/Museu do Chiado. A passagem deste espaço museológico para a DRCC **“ignorou”** a importância das suas colecções e ligação aos restantes museus nacionais e como tal **“isolou-o da estrutura dos Museus do Estado, os que tutelam os patrimónios referenciais da nação”**. Por tudo isto a passagem do Museu Malhoa para a autarquia é, por estas razões, **“absolutamente desadequado”**. Paulo Henriques considera que o Museu Malhoa deve voltar a responder à Direcção Geral do Património Cultural, sob tutela do Secretário de Estado da Cultura. Já quanto ao Museu da Cerâmica, **“nunca foi ou teve o projecto de ser um museu da Cerâmica nacional”**. Considera, pois, que este se tem centrado nas produções das Caldas, restringindo o seu peso num quadro geral dos museus do Estado. **“Logo é quase natural e desejável a sua passagem para a tutela autárquica”**, disse. A fusão dos museus e posterior passagem para a tutela da DRCC **“foi uma decisão política de gabinete, ditada por razões de poupança financeira imediata, sem o suporte de qualquer parecer técnico e científico de profissionais dos museus”**. Em relação ao Museu do Hospital e das Caldas, Paulo Henriques considera que qualquer modelo de tutela e gestão **“deva ser partilhado entre o proprietário das colecções e dos patrimónios (cuj a vocação prioritária não é a gestão museológica) e a autarquia”** dado que aquele **“é um espaço de memória e apresentação da cidade”**. Uma cidade como as Caldas da Rainha, onde se concentram oito museus (nove com o do Ciclismo), precisa de pensar uma rede de museus, independentemente das tutelas de modo a poder **“harmonizar-se programações e acções de comunicação conjunta e otimizar esforços de trabalho técnico e científico e também de meios hum anos e financeiros”**, rematou.■

Equipas dos museus reduzidas a metade

Actualmente o Museu de Cerâmica possui oito funcionários e o Malhoa sete. Estes números são quase metade do número de pessoas que já chegaram a trabalhar em ambos os museus. Alguns dos funcionários reformaram-se e outros optaram por trabalhar noutros serviços do Estado ao abrigo da lei da mobilidade. Em relação ao Centro de Artes, este possui sete

funcionários. Já o Museu do Hospital e das Caldas conta com cinco pessoas. Estes funcionários trabalham diariamente no museu, no apoio e vigilância da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e Capela de S. Sebastião, bem como no acompanhamento das visitas ao Hospital Termal Rainha D. Leonor. ■ **N.N.**

| 2012 | VISITANTES | RECEITAS (EM EUROS) | DESPESAS (EM EUROS) |
|--------------------------------|------------|---------------------|---------------------|
| Museu de José Malhoa | 20.783 | - | - |
| Museu de Cerâmica | 11.399 | - | - |
| Museu do Hospital e das Caldas | 8.779 | 2.834 | 113.964 |
| Centro de Artes | 4.083 | 0 | 236.423 |

| 2013 | VISITANTES | RECEITAS (EM EUROS) | DESPESAS (EM EUROS) |
|--------------------------------|------------|---------------------|---------------------|
| Museu de José Malhoa | 20.690 | - | - |
| Museu de Cerâmica | 19.295 | - | - |
| Museu do Hospital e das Caldas | 7.478 | 9.230 | 101.474 |
| Centro de Artes | 5.962 | 0 | 225.464 |

| 2014 | VISITANTES | RECEITAS (EM EUROS) | DESPESAS (EM EUROS) |
|--------------------------------|------------|---------------------|---------------------|
| Museu de José Malhoa | 25.052 | - | - |
| Museu de Cerâmica | 16.689 | - | - |
| Museu do Hospital e das Caldas | 8.544 | 5.582 | 122.535 |
| Centro de Artes | 6.039 | 0 | 226.321 |

Fontes: CHO, Câmara das Caldas e DRCC.
Notas: O Centro de Artes não cobra entradas, pelo que não tem receitas próprias.
A Direcção Regional de Cultura do Centro, numa atitude de falta de transparência, não quis fornecer os dados relativos às despesas e receitas dos Museus de José Malhoa e da Cerâmica.